

DOSSIER

# A cultura do amor em J. Ortega y Gasset

Ortega y Gasset's culture of love

Margarida Almeida Amoedo<sup>1</sup>

## RESUMO

Este artigo procura destacar a compreensão do amor (com as suas condições e historicidade), patente nalguns textos do filósofo espanhol José Ortega y Gasset. Pretendemos, sobretudo, verificar como a sua meditação descobre, fenomenologicamente, os traços específicos de uma vivência afectiva que, com frequência, é confundida com as suas pseudomorfoses, de que são exemplo, o desejo, a paixão e o carinho. Em busca do que é inconfundível no amor, o autor aponta a necessidade de o distinguir ainda da pessoa que o sente e, por outro lado, do ódio, cujos actos são comparáveis, apesar da radical diferença de sentido ou intenção que os contrapõe.

**Palavras-chave:** amor, cultura do amor, J. Ortega y Gasset.

## ABSTRACT

This article seeks to highlight the understanding of love (with its conditions and historicity), as expressed in some texts of the Spanish philosopher José Ortega y Gasset. Above all, we aim to verify how his meditation phenomenologically discovers the specific traits of an affective experience that is often confused with its pseudomorphosis – in particular, desire, passion and affection. In search of what is unmistakable in love, the author points out the need to distinguish the emotion from the person who feels it and, on the other hand, from the actions of hate, which are comparable, despite the radical difference of sense or intention that opposes them.

**Keywords:** love, culture of love, J. Ortega y Gasset.

<sup>1</sup> Professora Associada do Departamento de Filosofia da Universidade de Évora. Largo dos Colegiais, 2, Apartado 94, 7002-554. Évora, Portugal. Email: miaa@uevora.pt.

## 1.

Não provocará grande espanto, a quem saiba que o filósofo espanhol José Ortega y Gasset tratou inúmeros temas, o seu interesse também pelo do amor, e menos ainda se espantará quem associe à sua longa obra o título *Estudios sobre el amor* (Ortega, 2006a)<sup>2</sup>, um dos mais reeditados em vida do autor e que teve até uma edição em alemão (em 1933) prévia à edição espanhola<sup>3</sup>.

Por outro lado, é bastante conhecida e comentada a concepção orteguiana da filosofia como *ciência geral do amor* decorrente do recurso à categoria de *amor intelectualis* de Espinosa e da definição da actividade filosófica como aspiração constante a uma inteligência compreensiva de todas as coisas. Não será, contudo, neste sentido explicitado no primeiro livro (de 1914) de Ortega, *Meditaciones del Quijote* (Ortega, 2004a), que nos iremos deter, nem mesmo nos muito comentados *Estudios sobre el amor*, embora destes nos interessem algumas referências, para pôr em evidência o carácter fenomenológico da abordagem orteguiana do amor.

Aproximando-nos do âmbito da psicologia fenomenológica, propomo-nos, sim, atender particularmente à acepção de “amor” como uma vivência afectiva de caracteres inconfundíveis e, sobretudo, vinculada à relação entre pessoas.

## 2.

A mobilização de Ortega y Gasset para o tema do amor é relativamente precoce na sua obra. Em 1916, a pretexto do romance *Adolphe*, de Benjamin Constant, o ainda jovem filósofo tece considerações (Ortega, 2004b) sobre a *pobreza da cultura emocional* do classicismo grego que tudo submetia a medida, proporção e harmonia, em contraponto com as pretensões do romantismo com a sua *voluptuosidade de infinitudes*, ainda que escassamente concretizável. Por esta razão, aliás, sustenta que os autores românticos acabam muitas vezes por produzir um discurso vago, em que, *pensando amorosamente sobre o amor, enchem de palavras o imenso oco da sua percepção*.

Ortega sugere, então, que se pense sobre o amor, não só *mais seriamente*, mas mesmo com *coragem*, uma vez que *desde todos os tempos o erótico foi submetido a um regime de ocultação*. Assinala que *em nenhuma outra actividade da pessoa encontramos tão monstruosa desproporção entre a [enorme] influência que sobre o indivíduo exerce e a sua [fraca] manifestação, o seu [fraco] cultivo social*. E será a partir desta observação de que o amor tem algo de encoberto, de mistério, de subterrâneo, de secreto (ou segredo – já que em espanhol a palavra “secreto” também significa segredo), elaborado numa espécie de *ofici-*

*nas ocultas* e com uma *potência mascarada*, cuja revelação por Freud granjeia um raro elogio do pensador madrileno (Ortega, 2004b, p. 170), que este irá advogar a cultura do amor.

## 3.

Num texto, de 1917, precisamente intitulado *Para la cultura del amor*, Ortega volta a referir-se ao romance *Adolphe*, no qual vê apenas analisado o tipo de fenómenos eróticos mais frequentes (os “amores”, enquanto *histórias mais ou menos acidentadas em que*, como escreverá uma década mais tarde no ensaio “Facciones del amor” (Ortega, 2006a, p. 457), *há na maior parte dos casos tudo menos o que merece chamar-se amor*. Ora, como assinala o filósofo em diversas ocasiões, a palavra “amor” é equívoca, porquanto pode aludir a realidades várias. Destacando três significações, dir-se-á que pode designar um tipo de fenómenos espirituais (como, por exemplo, o amor a Deus, o amor à arte, o amor à ciência), pode designar o amor associado a atracção sexual e pode designar o amor como “estado afectivo” e “mecanismo psicológico” de relação plena entre pessoas. Esta é a acepção de amor que leva o autor a propor (Ortega, 2004c, p. 279-280) um exame da vivência em que a consciência não percebe *reserva alguma*, em que *cada momento da sua duração se dilata*, integra passado e futuro, num estado em que a existência experiencia, em vez do *transcurso do tempo*, uma *dilatação virtual de eternidade*.

O facto de um tal estado poder persistir mais ou menos não diminui a sua autenticidade, nem debilita o carácter de pertença plena entre quem se ama, carácter que distingue a vivência interpessoal do amor. São assuntos como, por exemplo, a contradição possível entre essa plenitude e certas consequências, por vezes terríveis, do *juramento de pertença perpétua* em que se exprime um tal estado afectivo que justificam a necessidade de uma *cultura do amor*.

Para além do mais, Ortega considerava (já em 1917) que o seu tempo era uma *idade estupidamente sensual e uma das menos cultas em amor*, ao ponto de ter de advertir os seus leitores de que estava a falar do *amor entre pessoas e não entre corpos*. Nem por isso o confundia com qualquer *força mística*, fazendo questão de explicitar que, por se tratar de um *mecanismo psicológico* comum na nossa vida, vê nele uma *magnífica potencialidade* digna de ser amplamente cultivada (Ortega, 2004c, p. 280).

## 4.

Ortega faz em muitos momentos das suas obras referências directas a diferenças entre os papéis dos homens e das mulheres, na história, em geral, e também no amor; e a

<sup>2</sup> As nossas referências a este e outros textos de J. Ortega y Gasset remetem à edição das *Obras completas* publicadas, em 10 tomos, pela Taurus e pela Fundación José Ortega y Gasset, entre 2004 e 2010. As traduções de termos e expressões orteguianas, destacadas em itálico, são da nossa responsabilidade.

<sup>3</sup> A 1.ª ed. em espanhol foi publicada em Buenos Aires, pela editora Espasa-Calpe, em 1939.

sua concepção da vida enquanto realidade radical com dimensão masculina e dimensão feminina peca muitas vezes por veicular uma perspectiva excessivamente circunscrita (talvez mesmo machista) da mulher pensada em função do homem. Contudo, não se impõe fazer aqui uma análise que ilustre essa limitação, até porque, mesmo nos escritos em que é viável encontrá-la, ela é nalguma medida ultrapassada nas suas passagens mais profundas e filosoficamente mais escuradas. Por exemplo no artigo “Para una psicología del hombre interesante” (de 1925), que parte da pergunta acerca do que torna um homem interessante para a mulher e que podia desenrolar-se sob o signo da legitimação de desigualdades com base numa leitura enviesada das diferenças, é o amor como enamoramento ou encantamento entre pessoas o que acaba por ser tratado, sem distinção e adscrição destas pelo sexo (Ortega, 2006b). Pelo contrário, o autor mostra antes o seu interesse por uma antropologia filosófica capaz de conhecer a *diversidade maravilhosa da fauna humana* com as suas *variedades da intimidade* e, nesta oportunidade pelo menos, importa-nos acima de tudo este género de abordagem com que se articula o que o próprio Ortega (2006b, p. 188) designa *uma fenomenologia do amor*<sup>4</sup>.

## 5.

Ao debruçar-se sobre o *fenómeno amoroso*, o filósofo espanhol demarca-se, por um lado, da *falsa mitologia que faz dele uma força elementar e primitiva engendradora nos seios obscuros da animalidade humana e que se apodera brutalmente da pessoa*. Defende até que o amor está mais distante de ser um instinto do que de ser um *género literário*, uma vez que supõe um *talento* humano específico e, quando se dão certas condições nas pessoas que se amam, o amor torna-se uma *criação* humana de nível superior ou mesmo um *acontecimento* digno de ser adjectivado como *divino* (Ortega, 2006b, p. 188-189).

Por outro lado, Ortega demarca-se, como deixa claro numa nota de rodapé (Ortega, 2006b, p. 190, n. 1), da *tradição empirista*, à qual contrapõe a tradição, no seu juízo *mais longa e mais profunda*, da *filosofia perene que busca em tudo a “essência”*. Embora sendo mais fácil a mera afirmação de que há infinitas e diferentes maneiras de amor, é mais relevante tomar este como *um tema teórico da mesma linhagem dos restantes* (Ortega, 2006b, p. 183) e fazê-lo no intuito de cumprir a *missão última do intelecto* que, refere o nosso autor, *será sempre caçar a “essência”, quer dizer, o modo único de cada realidade ser* (Ortega, 2006b, p. 190, n. 1).

Por isso, na senda dos fenomenólogos Pfänder e Scheler, por si nomeados no primeiro ensaio de *Estudios sobre el amor*, Ortega procura chegar aos atributos do amor através do recurso aos instrumentos intelectuais<sup>5</sup> e às cautelas metodológicas necessários para *não considerar essenciais ao amor*

*atributos e condições que decorrem antes da diversidade dos seus objectos* (Ortega, 2006a, p. 457). Já em “Para una psicología del hombre interesante”, o filósofo dera conta do cuidado a ter na apreensão dos traços específicos do amor, sem os confundir com os caracteres da pessoa que o sente e separando, na variada *fauna amorosa*, o desejo, a paixão e o carinho como pseudomorfozes ou actos que acompanham o amor, mas dele se distinguem e dele nascem (Ortega, 2006b, p. 187-189). Em “Facciones del amor” alerta uma vez mais para o interesse em *evitar que se nos escape entre os dedos o essencial do amor* e dedica-se a distingui-lo, sobretudo, do desejo, fazendo um ensaio para descrever directamente o acto amoroso, numa atitude comparável à do *entomólogo com um insecto captado numa moita*. Para tanto, Ortega espera que os leitores, sujeitos da vivência amorosa, presente ou pretérita, possam fazer o seu próprio trajecto de análise, julgando, por fim, *se as fórmulas encontradas se ajustam ou não ao que vêem dentro de si* (Ortega, 2006a, p. 458-459).

## 6.

Quais são, pois, em resumo, os principais caracteres do amor, descobertos pela investigação orteguiana?

Resumindo muito, destaca-se, em primeiro lugar, o carácter de actividade e de saída de si mesmo, que permite definir o amor como *gravitação em direcção ao amado* (Ortega, 2006a, p. 459). Esta qualidade de ser *centrífugo* torna-o inconfundível com o desejo, que, pela sua tendência à posse (de algo ou alguém), se esgota nesta ou, como diz Ortega (2006a, p. 458), *morre automaticamente, extingue-se ao se satisfazer*, sendo um *vir a mim do objecto* (do amado) o que acarreta ao desejo uma nota passiva. Embora no começo o amor e o desejo pareçam semelhantes, porque algo do objecto toca o sujeito, havendo um *estímulo de direcção centrípeta*, na verdade o *acto amoroso só começa depois dessa excitação* inicial que, neste caso, deve antes designar-se *incitação*, pois abre como que um poro por onde brota o amor que vai dirigir-se em *sentido inverso*. E Ortega (2006a, p. 460) sublinha que *este achar-se psiquicamente em movimento, em rota “para” o amado, o estar indo continuamente do nosso ser ao do próximo é essencial ao amor. Não se trata, no entanto, de que nos movamos fisicamente para o amado, procurando aproximação e convivência externa, dado que estes actos exteriores nascem, certamente, do amor como efeitos dele, mas não interessam para a sua definição*.

Quando comparado com outros tipos de actos (v.g., os actos de pensar noéticos que culminam num entender, que ocorre como que de golpe, num instante), o acto ou vivência amorosa ressalta ainda pela sua fluência, pela sua continuidade, porquanto *não se ama por instantes súbitos em série*, que se acendessem e apagassem como num circuito magnético as cargas de diferente potencial; *não é um*

<sup>4</sup> Num outro artigo, do ano seguinte (1926), Ortega refere-se também a uma *fenomenologia das formas eróticas* (Ortega, 2005, p. 41).

<sup>5</sup> Ortega adjectiva-os como agudos instrumentos intelectuais (Ortega, 2006b, p. 183).



*disparo, mas uma emanção, uma irradiação psíquica, uma corrente* (Ortega, 2006a, p. 460).

Ser centrífugo, ser um ir íntimo em direcção ao amado e ser contínuo são caracteres que distinguem o amor, aliás, tanto o amor como o ódio, apesar da radical diferença de sentido ou intenção que os contrapõe: o ódio é um acto dirigido contra o objecto (de ódio), o amor vai em direcção ao amado, mas a seu favor. Também por uma espécie de *temperatura psíquica* ou *sentimental* amor e ódio são comparáveis. *O que seja a temperatura do amor e do ódio é algo que se entende melhor* – sugere Ortega – *se tomarmos a questão do ponto de vista do seu respectivo objecto: enquanto o desejo goza do desejado, mas não oferece, não põe nada de si, o amor afana-se em torno ao amado, envolve-o numa atmosfera favorável e afaga-o, de perto ou de longe, fortalece-o; e o ódio, com não menor fogo, envolve o seu objecto de uma atmosfera desfavorável, que lhe causa dano, corrói e destrói virtualmente. Com independência dos modos como se podem materializar as contrapostas intenções (uma unitiva e de concórdia, a outra de absoluta dissensão metafísica), o filósofo assume aludir apenas ao fazer irreal que constitui o próprio sentimento e sintetiza: o amor flui numa cálida corroboração do amado e o ódio segrega uma virulência corrosiva* (Ortega, 2006a, p. 461-462).

Nessa oposição de afectos, o amor salienta-se pelo seu actuar, afirmativo da outra pessoa, do seu ser, não admitindo a sua não existência, o que equivale a *dar-lhe continuamente vida no que de nós depende*. Esta dimensão de vivificação, de criação e conservação intencional do amado, que leva Ortega a reconhecer créditos às análises de Pfänder, é original, não tanto na descrição e elenco dos componentes do amor, como na forma de afirmar o envolvimento integral da pessoa na relação interpessoal amorosa.

Isso é particularmente claro, quando se refere às três ordens de condições do enamoramento, que supõe, desde logo, encantamento e entrega ou, mais precisamente, *entrega por encantamento* (Ortega, 2006b, p. 186), distinta da entrega por paixão.

## 7.

Tomemos, sucintamente, a sistematização apresentada por Ortega das grandes ordens de condições do amor. Fala, em primeiro lugar, de *condições de percepção*, na medida em que para haver encantamento é necessário *ser capaz de ver outra pessoa*, num sentido em que *não basta abrir os olhos*, mas é preciso uma curiosidade mais ampla e radical do que a que se dirige, seja a coisas e áreas de actividade, seja a actos particulares das pessoas: trata-se de ser *vitalmente curioso* em relação à *forma mais concreta da humanidade* que é a *pessoa como totalidade vivente* (Ortega, 2006b, p. 190). Esta *virtude, que constitui o umbral do amor* e na ausência da qual é possível

que *passem por nós as criaturas mais egrégias sem que disso nos apercebamos*, requer, por seu turno, um *alto nível de vitalidade*, ou seja, uma ânsia de mais vida que leva Ortega a invocar os nomes de Nietzsche e Simmel, traduzindo-a, contudo, em discurso próprio como *um afã de ir de si mesmo ao outro*. O amor é penetrado pelo paradoxo, então, de um interesse desinteressado, uma atenção generosa, como um luxo vital que desatende o proveito, segundo o interesse subjectivo, em favor do encontro com o desconhecido da outra pessoa percebida como amável. Não, *o amor não é cego*, desde o momento em que, graças a uma *curiosidade radical* (que é, afinal, interesse genuíno) pelo outro, se abre a possibilidade *para que “vejamos” essa delicada e maximamente complexa entidade que é uma pessoa* (Ortega, 2006b, p. 192).

Ainda se requer, para além disso, *perspicácia*, que, enquanto *ingrediente do amor* é já de uma segunda ordem de condições, as *condições da emoção*, que permitem responder *sentimentalmente à visão do amável* (Ortega, 2006b, p. 190). Ortega menciona esta perspicácia como uma *intuição especial* pela qual se *descobre rapidamente a intimidade* de outra pessoa *unida ao sentido expresso pelo seu corpo* (Ortega, 2006b, p. 192)<sup>6</sup>. Discorda, por conseguinte, dos que admitem que o amor é *um efeito entre mágico e mecânico, ilógico, anti-racional*. Vincando que o amor *tem a sua “fonte psíquica” nas qualidades do objecto amado*, aponta à perspicácia a capacidade de tornar *patente a pessoa do próximo em quem o sentimento encontra “razões” para nascer e aumentar*. Antes, porém, não deixa de esclarecer o uso de uma acepção de “razão” mais ampla do que as de *logos* e *ratio* mobilizadas na consideração das relações entre conceitos; trata-se, antes, da acepção de *nous*: ao afirmar que há “razões” para o amor, o autor está a dizer que o amor *tem sentido* – não obstante haver, por vezes, confusões na percepção e equívocos, podendo o amor, tal como a visão corpórea e a inteligência, *errar*, o que em todo o caso é insuficiente para reputar de cego o amor, da mesma maneira que não basta que os nossos olhos registem ilusões ópticas para nos declararmos cegos (Ortega, 2006b, p. 193).

Uma outra ordem de condições do amor, a envolver as condições de percepção e de emoção, é, pode dizer-se, a das *condições de constituição* da personalidade como um todo, pois, indica Ortega, depende da solidez, da elasticidade, da abertura e da firmeza de impulsos que o sentimento seja pleno, cumprindo-se o amor, apesar da sua *idêntica essência*, nas *abundâncias da casuística* (Ortega, 2006b, p. 189-190).

## 8.

Para o filósofo da razão vital e histórica, a vivência humana do amor requer naturalmente a sua atenção, por ter

<sup>6</sup> Num texto de 1952, portanto, muito posterior, Ortega referir-se-á, no entanto, às limitações do *teclado de gestos corporais* para exprimir a *exuberante variedade de formas vividas* pelo nosso sentimento (Ortega, 2006c, p. 829). A riqueza da *intimidade humana* levará Ortega, anteriormente, a recorrer à noção contraposta de *teclado de emoções* (Ortega, 2004b, p. 168).

sentido<sup>7</sup>, mesmo se este não é claro e está soterrado, quer por certos tabus sociais, quer, desde logo, pela complexidade que lhe é inerente, uma vez que envolve muitas *gradações* (Ortega, 2006b, p. 193), pessoas muito variadas, múltiplas associações a diversos actos, uns concomitantes, outros subsequentes, e também formas históricas bastante diferentes.

Embora exceda a análise estritamente fenomenológica, a busca do sentido do amor a que Ortega se dedica leva-o a cumprir um imperativo de compreensão (aplicável ao que quer que seja, no respectivo âmbito de vida humana). Assim, nem que seja muito resumidamente e a título de exemplo, que vem a propósito, vejamos como o autor, numa das suas últimas publicações em vida (em 1952), o “Prólogo a *El collar de la paloma*, de Ibn Hazm de Córdoba” (Ortega, 2006c), interroga o amor na sua radicação histórica.

Sublinhamos nesse prólogo (em que Ortega deixa muitas alusões a outras doutrinas suas<sup>8</sup>), a síntese orteguiana de que o livro de Ibn Hazm sobre o amor é *um facto da vida árabe-andaluza* na Idade Média. Só depois explicita, que *ao assomarmos a este livro, a primeira curiosidade que sentimos é averiguar se o amor foi entre os árabes o mesmo afã que é entre nós*. E, de imediato, sustenta: *Supor que um fenómeno tão humano como é amar existiu sempre, e sempre com idêntico perfil, é crer erroneamente que o homem possui uma natureza pré-estabelecida e fixa, e ignorar que tudo nele é histórico. Tudo, inclusive o que nele pertence efectivamente à natureza* (Ortega, 2006c, p. 825). O que Ortega destaca no ser humano é uma *coalescência do natural com o cultural que torna irreconhecível o instinto e o converte em magnitude histórica* a que correspondem, portanto, *modificações* (Ortega, 2006c, p. 826).

Trinta anos antes, na conferência (de 1922) “Para un museo romántico”, já tinha dito, quase coincidentemente, que *o amor não é um instinto que perdura imperfectível; é uma dimensão da cultura em que se avança ou se retrocede, que é mais polido num tempo e mais tosco noutra* (Ortega, 2004d, p. 631). Em 1926, em dois breves artigos intitulados “Para la historia del amor”, chega a falar de diferentes *modas do amor* (Ortega, 2005, p. 39), porquanto, com a sucessão das gerações e das épocas, vão-se alterando os *regimes eróticos* (Ortega, 2005, p. 36). E exemplifica com o encadeamento em que o “amor romântico” sucedeu à “galanteria” do Século XVIII, que, por sua vez, sucedeu à “estima”, do Século XVII, e esta, ao amor platónico do XV, e este, ao “amor gentil”, do XIV, e este, ao “amor cortês”, cultivado desde o Século XII... No fundo, *trata-se sempre do mesmo, mas cada vez de forma diversa, pois em cada ciclo histórico*

é a diferente combinação, nomeadamente, da fantasia, do entusiasmo, da sensualidade, da ternura (Ortega, 2005, p. 39), que faz surgir um novo *estilo de amar* (Ortega, 2005, p. 36). Esta perspectiva da historicidade do amor permanecerá na maturidade de Ortega, como evidencia à sociedade o “Prólogo a *El collar de la paloma*, de Ibn Hazm de Córdoba”, por exemplo ao mencionar a profunda mudança, por si próprio testemunhada em apenas 50 anos, *na figura ocidental do amor enquanto corte especialmente radical no estilo de amar* (Ortega, 2006c, p. 830), para além de atender à caracterização do amor feita por Ibn Hazm, com um horizonte culturalmente diferente, que permite falar de um *amor árabe* e do seu lugar na sociedade andaluza dos Séculos X e XI.

## 9.

Ortega, na verdade, mostra-se-nos tão aliciado pela fenomenologia do amor, quanto pela hermenêutica das suas múltiplas formas pessoais e históricas de expressão. Para o pensador espanhol, que sistematicamente se mostrou inconformado com o abstraccionismo, uma *cultura do amor*, se tinha de começar por uma análise conducente à essência do fenómeno, não poderia, por outro lado, dispensar a ilustração de que a arte da vida<sup>9</sup> consiste em, com maneiras e níveis plurais, saber sentir, escolher, amar. Todavia, esta reformulação do tema, para nós irrecusável pelas suas implicações axiológicas e pedagógicas, extravasa já o núcleo temático deste texto, pelo que requer tratamento num outro contexto de reflexão.

## Referências

- ORTEGA Y GASSET, J. 2004a. *Meditaciones del Quijote*. In: *Obras completas*. Tomo I, Madrid: Taurus/F.J.O.G., p. 745-825.
- ORTEGA Y GASSET, J. 2004b. *Leyendo el Adolfo*, libro de amor. In: *El Espectador – I, Obras completas*. Tomo II, Madrid: Taurus/F.J.O.G., p. 168-171.
- ORTEGA Y GASSET, J. 2004c. *Para la cultura del amor*. In: *El Espectador – II, Obras completas*. Tomo II, Madrid: Taurus/F.J.O.G., p. 276-280.
- ORTEGA Y GASSET, J. 2004d. *Para un museo romántico* (Conferencia). In: *El Espectador – VI, Obras completas*. Tomo II, Madrid: Taurus/F.J.O.G., p. 623-632.
- ORTEGA Y GASSET, J. 2005. *Para la historia del amor*. In: *Obras completas*. Tomo IV, Madrid: Taurus/F.J.O.G., p. 35-41.

<sup>7</sup> Neste contexto, vale a pena citar, literalmente, a seguinte observação: “Me siento cada vez más lejos de la propensión contemporánea a creer que las cosas carecen de sentido, de *nous*, y proceden ciegamente, como los movimientos de los átomos, que un mecanicismo devastador ha elevado a prototipo de toda realidad” (Ortega, 2006b, p. 193).

<sup>8</sup> Estão presentes, por exemplo, as suas doutrinas sobre os tópicos (Ortega, 2006c, p. 818), a nacionalidade como *pertença substantiva a uma determinada sociedade* (Ortega, 2006c, p. 819), o *escolasticismo* como filosofia desenraizada (Ortega, 2006c, p. 823-824) e os livros como *acções humanas* (Ortega, 2006c, p. 825).

<sup>9</sup> Para entender esta alusão, cf. a ideia da *vida como arte*, em “Para un museo romántico” (Ortega, 2004d, p. 626-627).

ORTEGA Y GASSET, J. 2006a. *Estudios sobre el amor*. In: *Obras completas*. Tomo V, Madrid: Taurus/F.J.O.G., p. 451-524.

ORTEGA Y GASSET, J. 2006b. Para una psicología del hombre interesante. In: *Goethe desde dentro*, *Obras completas*. Tomo V, Madrid: Taurus/F.J.O.G., p. 182-194.

ORTEGA Y GASSET, J. 2006c. Prólogo a *El collar de la paloma*, de Ibn Hazm de Córdoba. In: *Obras completas*. Tomo VI, Madrid: Taurus/F.J.O.G., p. 818-832.

Submetido em 26 de agosto de 2019.

Aceito em 10 de novembro de 2019.